

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO  
WALTER ROSSA  
[ORG.]

MEMÓRIAS  
E ESPAÇOS  
DE UM LUGAR

An aerial, black and white photograph of a densely populated urban area, likely a favela. The image shows a dense cluster of small, simple buildings with flat or corrugated metal roofs. A tall, thin tower is visible in the distance. The foreground shows more detailed views of the buildings and streets. A large, semi-transparent red geometric shape, resembling a stylized triangle or a piece of fabric, is overlaid on the bottom right portion of the image. The word "MAFALLA" is printed in large, white, bold, sans-serif capital letters across the red shape.

MA  
FA  
LA  
LA

# MAFALALA: MEMÓRIA DE UMA PAISAGEM SOCIOCULTURAL

Francisco Noa

**C**omo conseguir o equilíbrio interior entre imagens distantes no tempo, difusas na forma, e uma realidade desconcertante, muitas vezes insustentável que o presente nos coloca? Julgo que esta é uma questão que tem a idade do tempo e que deve ser seguramente recorrente, oscilando entre a angústia e algum comprazimento, sobretudo quando em confronto com o que ficou para trás e que emerge de forma viva, poderosa e desafiante.

Tenho cá para mim que uma parte assinalável da literatura que conhecemos deve, voluntária ou involuntariamente, perseguir esse equilíbrio. Mesmo tendo em atenção as flutuações e acelerações descontroladas do nosso tempo que concorrem para desintegrar e diluir as nossas experiências anteriores. O passado, por qualquer sortilégio nem sempre de fácil interpretação e que só a memória lhe dá existência, surge-nos muitas vezes como lugar mais ou menos ordenado e fixado no tempo. O presente, pelo contrário, por representar o devir, o que acontece, é inapreensível, e, por isso mesmo, espaço de efémeras fruições, quando não de padecimento ou mesmo de desconcerto. Passei praticamente toda a minha infância na Mafalala, até ao momento em que ao perder o meu pai, aos nove anos, se esfumou também toda a inocência relativa a uma vivência que não mais se iria

repetir. Mafalala era o centro do mundo, pelo menos para nós os que lá vivíamos, e tudo existia em função desse centro à volta do qual tudo o resto parecia gravitar, fosse a cidade de cimento, da então Lourenço Marques, ou a fronteira de asfalto, na Av. Craveiro Lopes, que ora nos distanciava ora nos aproximava da Malhangalene, bairro urbano de colonos remediados, ou do bairro da Munhuana, através da Av. Caldas Xavier, ou dos conhecidos bairros Indígena, Chamanculo e Xipamanine, através da Avenida de Angola.



*Antigo vizinho de Francisco Noa, 2014.*

De modo algo perverso, numa exemplar percepção da relatividade das coisas, tudo à volta parecia acontecer e ganhar sentido em função daquele nosso círculo existencial. Não resisto, a propósito, partilhar esta passagem arrebatadora de um romance colonial tardio, *Ku Femba*, da autoria de João Salva-Rey:

Mafalala centro do mundo!

Começara por ser um bairro segregado, meia dúzia de palhotas de caniço amontoado na periferia da cidade dos brancos ou *xilunguine*, ali se juntando em comunidade, principalmente os oriundos do norte, só macuas, de cofió vermelho enfiado no cocuruto, e longos guarda-pós brancos por cima das calças, ótimos criados de servir, para isso desceram ao sul, praticantes da mesma língua e da mesma religião de Maomet.

Vieram e multiplicaram-se.

E Mafalala cresceu, dia a dia, de palhota em palhota.

Depois, chegou a novidade das construções de madeira e zinco, uma das primeiras a erguer-se, a do bar-dancing “Comoreano”, iniciativa de um emigrante ousado das ilhas vizinhas das Comores, ali chegado ninguém sabe porquê e, como bom maometano que se prezava, na Mafalala radicado. [...]

Nessa época, distante de quarenta anos, já muitos brancos do *xilunguine* mandavam às urtigas o preconceito segregatório do pudor saxónico, e uns por facécia, outros simplesmente desinibidos, dançavam com mulheres e beberricavam com homens africanos, embora no proscrito e quase incógnito “Comoreano” dos recônditos da Mafalala.

(Salva-Rey, 1974: 182-83)

Bairro verdadeiramente paradoxal, a Mafalala emergia olímpicamente entre outras margens, isto é, dois prostíbulos, o das Lagoas a este, e Mathlothlomana a oeste. “História das Lagoas” é um dos mais celebrizados poemas de José Craveirinha, sobre a condição de vida de muitas mulheres africanas, negras e mulatas, da periferia lourençomarquina:

Vem não vem marinheiro  
Coitado filho da Leta  
Coitada mãe de sua mãe  
Coitada janela acesa na barraca das Lagoas  
Coitados nós todos filhos  
De coitada Leta Conceição!

(Craveirinha, 1982: 75)

E o paradoxo residia no simples facto de a dignidade ensanduichada nas casas de madeira e zinco, habitadas pelas humildes famílias predominantemente de origem africana, conviver quotidiana e naturalmente com um dos opróbrios mais degradantes gerados pela colonização: a prostituição.

Entretanto, a norte, onde passa hoje a Avenida Joaquim Chissano, ficava um dos locais de peregrinação obrigatória e proibida da nossa irreverente e inconsciente criança, quase sempre castigada pela vara justiceira dos nossos pais: refiro-me à *bocaria*. Tratava-se simplesmente da maior lixeira da cidade, onde os despojos dos ocupantes da cidade colonial incendiavam a nossa imaginação. Dali saíam inúmeros brinquedos reinventados e reciclados pela nossa insuperável criatividade de engenharia suburbana.

Engenharia que não evitava os enormes estragos que as chuvas provocavam, desnudando aí toda a vulnerabilidade e precariedade em que vivíamos, mas que, mesmo assim, dificilmente destronavam o entusiasmo deslumbrado que animava as nossas vidas. Lugar de inundações cíclicas, neste aspeto particular, a Mafalala inspirou, entre outros, músicos como Fani Mpfumo, António William ou escritores como Aldino Muianga. Aliás, um dos exemplos mais conhecidos deste autor é a obra *Xitala Mati* (1987) que, em ronga, quer exatamente dizer *lugar das inundações*.

No meio das adversidades que a vida nos colocava, embora *in illo tempore* nós não as víssemos como tal ou na dimensão dramática como era encarada pelos mais velhos, o respeito pelo próximo e pelos costumes era erigido em quase todas as famílias como um valor supremo e inegociável. A esse elevado sentido de existência comunitária associava-se um profundo e intenso sentido de autossuperação, sempre com o estímulo incansável dos nossos pais, na palavra e no exemplo. Talvez isso explique, em grande medida, porque é que dali saíam algumas das figuras mais proeminentes de uma nação por vir: intelectuais, políticos, nacionalistas, desportistas, músicos, poetas, etc. Verdadeiro microcosmos da sociedade moçambicana, a Mafalala é seguramente um dos maiores estandartes da policromática multiculturalidade que caracteriza este país bordejado latitudinal, mas também significativamente pelo Oceano Índico. Cada um no seu mundo, abrindo-se em função das necessidades quotidianas, ali



viviam negros, mulatos, indianos, chineses e alguns brancos, estes últimos formando três grupos muito bem demarcados, pois eram majoritariamente comerciantes, ou cantineiros, como na época eram tratados.

Não resistimos, entretanto, em socorrer-nos do “Poema da Infância Distante”, de Noémia de Sousa, onde a presença do mar e a diversidade humana que este gerou são celebrados de forma épica:

Quando eu nasci na grande casa à beira-mar  
era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico.  
Gaivotas pairavam, brancas, doidas de azul.  
Os barcos dos pescadores indianos não tinham regressado ainda.  
Arrastando as redes pejadas. [...]  
– Figuras inesquecíveis da minha infância arrapazada,  
solta e feliz:  
meninos negros e mulatos, brancos e indianos,  
filhos da mainata, do padeiro,  
do negro do bote, do carpinteiro...

(Sousa, 2001: 60-63)

Olhando, hoje, para o aviltante espetáculo da intolerância enraivecida, por esse mundo fora, ou então para os semblantes duros, crispados e desconfiados e para os muros reerguidos e as sementeiras de arame farpado com que a Europa, civilizada e culta, recebe os que fogem das suas indigências nacionais e locais, constato agora que a Mafalala, enquanto microcosmos de todo um território, era seguramente um lugar demasiado avançado no tempo.

Efeito da colonização e das migrações internas, mais do que qualquer outro bairro moçambicano, a Mafalala instituiu-se como um notável ensaio laboratorial de coabitação multiétnica, multicultural e plurirracial. Convenhamos, tudo isso de forma não programada e de certo modo contraditória, para não dizer surpreendente, dadas as características da colonização portuguesa em Moçambique, profundamente segregacionista e hierarquizadora.

Antes de nós próprios sabermos que fazíamos parte de uma constelação que ia sendo audaciosamente adjectivada de moçambicana, na quotidiana e quase espontânea aprendizagem da diferença, tomávamos consciência que, entre outros, éramos rongas, manhambanes, machanganas, chopes, matsuas, ou simplesmente xingondos. Estes eram assim designados dada a sua proveniência, ou do centro do país, (senas, ndaus, nyunguês ou machuabos), ou do norte (macuas, sobretudo).

E assim se foi construindo a nação cultural, performativa, como ensina Homi Bhabha (1990), isto é, aquela que alicerça, tal como em outros cantos do mundo, a nação política, ou o Estado-Nação em que, no nosso caso, Moçambique se transformou, depois da independência política, em 1975.

Uma das imagens mais poderosas que me fica desse tempo, e que vai deslizando entre o desvanecimento e a nitidez das figuras e dos movimentos, era a visibilidade da cultura. Aos domingos, sobretudo, apesar da perseguição policial, eram inúmeros os grupos culturais que desfilavam e deliciavam os nossos sentidos ainda em formação. Eram essas ocasiões únicas e privilegiadas em que entrávamos em contacto com parte significativa do nosso património cultural. Facto esse que, necessária e instintivamente, mexia connosco, apesar da alienação cultural e linguística a que éramos submetidos, através dos processos assimilatórios, que passavam pela escolarização, pela censura e pela abdicação induzida e coerciva.

Um exemplo simples, mas instrutivo, desta alienação passava pela notória circunstância de, no ambiente familiar e não só, e por rígida imposição dos nossos pais, não nos ser permitido usar outra língua que não fosse o português. E por irreverência ou por algum apelo atávico, acabávamos por fazer a aprendizagem das línguas autóctones e de outras manifestações enraizadas no vasto e diversificado remanso cultural dos moçambicanos nas ruas estreitas, mas ao mesmo tempo gigantescas, da Mafalala.



*Música de Tufo, 2013.*



E essa aprendizagem acontecia durante o dia nas brincadeiras sem fim dos meninos do bairro. Ou nas noites mais frias quando nos juntávamos para, junto das fogueiras improvisadas dos pneus, partilharmos retalhos do anedotário popular, ou das histórias que muitos de nós adquiríamos da convivência com familiares e pessoas próximas que, generosa e teimosamente, ignoravam a lei da rolha linguística imposta pela colonização.

Outro espaço privilegiado de educação cultural acontecia nessas longínquas e inesquecíveis tardes dominicais em que passavam e se exibiam, de forma alegre e audaciosa, grupos de ritmos e danças tradicionais como a xingombela, xiparatwana, xigubo, makwaela, timbila, etc.



Ou, então, quando por ocasião da celebração de algum ritual como era, por exemplo, a prática da circuncisão, entre a comunidade macua. Aí, os nossos companheiros das brincadeiras surgiam-nos, no meio de tambores e cantos festivos, completamente irreconhecíveis, transfigurados por poses solenes e ar grave, enfiados em roupas que era comum vermos nos adultos, como o fato e a gravata.

Tratava-se de macuas da Ilha de Moçambique que encontravam aí uma forma de preservar um legado cultural absolutamente desconcertante para os nossos olhares meridionais. Nesse ritual de passagem para a vida adulta, os cânticos e as danças, sobretudo o *tufo*, mantinham os nossos olhos arregalados por um deslumbramento que se manteria pela vida fora.



*Dançarinas  
de Tufo, 2013.*

Hoje, à luz da História e do que vai acontecendo um pouco pelo mundo, bem como daqueles que se desenham como os grandes desafios das nossas sociedades, injustamente consideradas de periferia, a Mafalala impõe-se não necessariamente como um lugar, mas como uma apelativa realidade sociocultural, um incomensurável património privado e coletivo, dada toda a carga simbólica que o determinou, sedimentou e envolveu.

Não tanto como uma etnopaísagem global, presa de uma nova ordem e intensidade à larga escala baseada no deslocamento incessante de pessoas e grupos, como nos revela Arjun Appadurai (2004: 45), ou de comunidades “sem sentido de lugar”, mas seguramente como uma lição para o futuro e para o mundo na forma como, à revelia do sistema que a engendrou, nos educou não propriamente para a globalização, mas para o cosmopolitismo. Sendo hoje a competência intercultural uma das maiores ferramentas para a nossa sobrevivência e afirmação social, profissional, intelectual, a Mafalala é uma escola para além do tempo e do espaço.



*Francisco Noa  
frente à sua  
antiga casa,  
2014.*

Se Benedict Anderson (2005) nos fala da nação como comunidade imaginada, dificilmente se pode negar o papel desempenhado pela memória para a consolidação dessa mesma nação. Invocar, aqui, a Mafalala é muito mais do que um gratuito exercício dessa memória, ou um arremedo nostálgico ao passado, ou mesmo de perseguição de uma pátria ou de um paraíso perdidos. Trata-se sim de uma

busca de sentido, através de um viés particular, para compreender os fundamentos de um imaginário, feito património coletivo perante a rápida e massiva transfiguração e homogeneização de um espaço vital, partilhado, mas fragmentado.

E esse património adquire hoje, à luz de todas essas movimentações migratórias de massas, em Moçambique, e no mundo em geral, um significado singular por instituir-se não como produto de uma influência determinada, mas sobretudo por ser um cruzamento de experiências de vida e de culturas múltiplas e variadas. Cruzamento que é, ao mesmo tempo, uma das maiores metáforas e uma das maiores utopias de um modo de existir em que a consciência das diferenças não implicou a anulação dessas mesmas diferenças, mas que concorreu para dinâmicas interculturais que, situadas num tempo histórico determinado, não deixam de repercutir no nosso tempo e no tempo por vir, naquilo que, por um lado, rebaixa e, por outro, eleva a condição humana.

## Bibliografia

Anderson, Benedict (2005), *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70.

Appadurai, Arjun (2004), *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema.

Bhabha, Homi K. (ed.) (1990), *Nation and narration*. London/ New York: Routledge.

Craveirinha, José, (1982), *Karingana ua karingana*. Maputo: INLD.

Muianga, Aldino, (1987), *Xitala Mati*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos.

Salva-Rey, João, (1974), *Ku Femba*. Lourenço Marques: Minerva Central.

Sousa, Noémia de, (2001), *Sangue negro*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos.



